Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO

Por intermedio de "Animatografo" envio aos meus fans portuguezes o meu beijo mais "quentinho".

Carmen Miranda

Boston 20-I-194

Neste número:

Sensacional entrevista com CARMEN MIRANDA

2.ª SÉRIE — N.º 58 — PUBLICA-SE AS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 15 DE DEZEMBRO DE 1941 — PREÇO 1$50



Actualidades

A nova película de Greta Garbo, «Two Faced Woman» («Mulher de duas caras», em tradução literal) de que temos publicado várias informações, noticiosas e fotográficas, deu brado nos Estados Unidos pela sua «frescura», pela sua ousadia um tanto escabrosa. Vários estados da União proïbiram a sua exibição por êsse motivo. A organização católica para a moralização do Cinema, «Legion of Dencency», não foi estranha a essa proïbição. Chega-nos agora a notícia de que a Metro Goldwyn Mayer decidiu retirar temporàriamente o filme da distribuïção, a fim de lhe fazer algumas modificações. Sabe-se que a revisão foi acordada com a organização católica. O filme de George Cukor, em que Greta Garbo interpreta o duplo papel de duas gémeas, deve voltar a ser exibido dentro dalguns dias, expurgado das cenas consideradas imorais.

Publicamos nesta página uma atitude imprevista de Greta Garbo, numa das cenas da película, e a fotografia do novo galã Robert Sterling, uma das mais recentes e esperançosas descobertas de Hollywood. Robert Sterling contracena com a «Divina» e com Melvyn Douglas no filme a que nos vimos referindo.

Ainda nesta página damos à estampa uma das primeiras fotografias de Judy Garland depois do seu casamento com Dave Rose, chefe de orquestra de «jazz».

Podemos informar os nossos leitores que o novo casal não pensa por enquanto em se divorciar...





2.ª série / N.º 58 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

16 de Dezembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

ROBERT RISKIN

O autor dos argumentos dos filmes de Frank Capra passou por Lisboa e falou ao «Animatógrafo»



Robert Riskin

Riskin, certo dia, entrou num «bombardeiro» e levantou vôo com outros estranhos turistas. O avião subiu até para lá das nuvens e Riskin viu-se na necessidade de pôr a máscara de oxigénio para vôo na estratosfera. Se não soubesse, de antemão, que rumo levava, jámais faria ideia dos perigos a que se expunha. Riskin ia a Inglaterra trabalhar para o govêrno de Sua Majestade, na qualidade de conselheiro de produção na feitura de fitas de propaganda. Mas, nem acima das nuvens a guerra passa despercebida; não admira, portanto, que êle conservasse, constantemente, o credo na bôca. Felizmente, o «bombardeiro» não teve maus encontros e Riskin chegou a Londres são e salvo.

Se chegou ou não a acôrdo com os senhores da propaganda, não cabe a nós sabê-lo, tanto mais que nem êle próprio percebeu muito bem os resultados das entrevistas.

Procurámo-lo para obter notícias, mas pouco conseguimos. Riskin anda muito atarefado com os preparativos de partida e preocupado com o facto de a sua Pátria estar em guerra.

Robert Riskin é o autor de quási todos os argumentos das fitas de Frank Capra. Não tem predilecção especial pelo trabalho em colaboração com êste ou aquele realizador, ou com êste ou aquele produtor. Contratam-no, pagam-lhe e êle produz o melhor que sabe e pode.

Desde muito novo se distinguiu na qualidade de argumentista. Tinha apenas 17 anos e já escrevia argumentos para a Paramount, onde trabalhou durante muito tempo.

Entretanto salientava-se também como autor de peças teatrais. A primeira delas, levada à cena ainda êle não tinha o grande nome de que hoje disfruta, intitulou-se «She Couldn't Say No». O público acolheu-a com entusiasmo e Riskin entusiasmou-se também e prosseguiu. Logo a seguir, apresentou «The Mud Turtle», com idêntico êxito. Mais tarde escreveu uma terceira obra de teatro, intitulada «The Lady Lies», cujo acolhimento foi sobremaneira animador e compensador.

Contratado pela Columbia para fazer argumentos de fitas dessa companhia, não tardou a alcançar a fama invejável que actualmente goza.

«Men in her life», «Men are like that» e «Miracle Woman» foram então, as suas três primeiras histórias aproveitadas na tela.

A fama de Capra, entretanto, corria parelhas com a do argumentista. «Loucura Americana» (American Madness) obteve um êxito invulgar. É um dos seus argumentos mais sólidos e mais bem construídos.

«Milionária por um dia» (Lady For a Day), «Derradeira Vitória» (Broadway Bill) e «Uma noite aconteceu» (It happened one Night) consagraram, definitivamente Riskin e Capra, cujas famas continuaram a crescer paralelas.

Riskin, depois, adaptou à tela o livro de James Hilton «Lost Horizon» com o que Frank Capra conseguiu a obra mais nefelibata da sua carreira de «director».

Foram, ainda, colaboradores, nas mesmas condições (argumentista e realizador) em «Doido com juizo» (Mr. Deeds goes to town).

Em 1937 escreveu uma história que o apaixonou: «When you're in Love». Êle próprio tomou a si o encargo de a realizar. Cary Grant e Grace Moore interpretaram o filme. Foi apresentado em Portugal com o título «Prelúdio de amor».

Em 1938 voltou a trabalhar para Capra. Daí nasceu o famoso «Não o levarás contigo» (You can't take it with you).

Em 1939, trabalhando para Samwel Goldwyn, escreveu os argumentos de «Mocidade triunfante» (They shell kave music) e de «Verdadeira Glória» (The Real Glory) de que foi também «co-produtor».

O último argumento para Capra foi o da fita «Meet John Doe», que lhe deu mais trabalho que todos os outros juntos, segundo êle próprio declara. Durante seis meses não fez outra coisa senão discuti-lo com o realizador. A laboriosa preparação da fita quási lhe fez cabelos brancos.

Preguntamos a Riskin:

— «E, agora?»

— «Agora, talvez produza outra fita com Capra baseada numa nova história da minha autoria».

— «Nome»?

— «Não sei ainda. Pròvàvelmente... «The Flying Yorkshireman»».

Falámos, depois, àcêrca das suas obras anteriores. Riskin é a modéstia vestida de homem. O olhar penetrante e o sorriso franco completam o retrato do argumentista. Deve ser bom observador e melhor parodista.

— Qual, entre as fitas para que fez argumentos, a de que mais gostou?»

Riskin, sempre com o mesmo sorriso, olha-nos indeciso. Procurámos auxiliá-lo:

— «Talvez «Doido com juizo»...?»

— «Sim, talvez... Mas...»

A resposta parece difícil. Hesita. Por fim, responde:

— ««Milionária por um dia» foi a minha melhor história...»

Completamos:

— «...E, portanto, a fita de que mais gostou».

— «Sim! Deve ser isso».

Mudámos de assunto, para lhe poupar embaraços:

— «Qual a melhor fita saída de Hollywood nos últimos tempos?»

Riskin, desta vez não tem hesitações.

— «Para o meu gôsto... «Honky Tonk»! E para o público americano também, que delirou com a parelha Clarke Gable-Lana Turner, porque se amam com raro entusiasmo (na fita, já se vê!) e ligam muito bem».

— «E, em Inglaterra? Tem-se produzido muito?»

— «Especialmente documentários de guerra, alguns dos quais notáveis».

— «Algum o interessou, em especial?»

— ««Target for tonight» (Alvo para esta noite) é, no género, uma das melhores obras que tenho visto. É impressionante de verdade e tem carradas de emoção».

Riskin está com muita pressa. Pede-nos desculpa e abala, rumo ao Consulado Americano, a ver se o deixam embarcar no primeiro transporte.

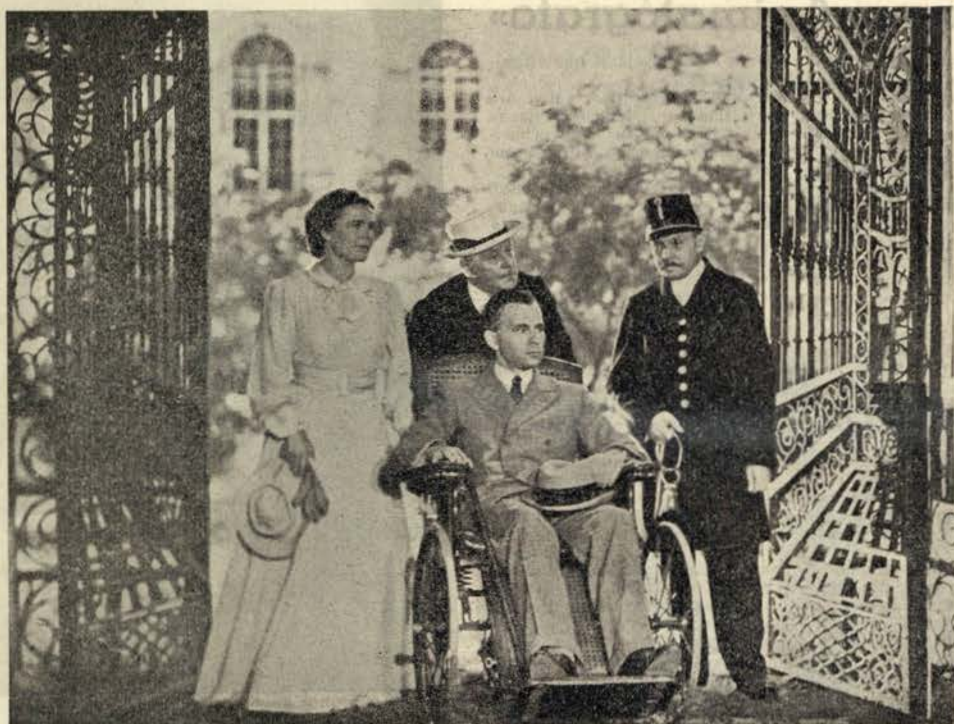
RAÚL FARIA DA FONSECA

PORTUGAL FILMES, LDA.

Tem a honra de apresentar a grande actriz europeia

PAULA WESSELY

A intérprete genial de "MASCARADA" num filme à altura do seu talento



TODA A VIDA

(EIN LEBEN LANG)

com **Joachim Gottschalk** e **Maria Andergast**

Realização de **GUSTAV UCICKY**

A ESTREAR BREVEMENTE NO

GINASIO

PANORÂMICA

Restrições forçosas

Para não privarmos os nossos leitores dos retratos soltos que tanto lhes agradam, conservando o preço do nosso jornal, foi necessário reduzir o seu número de páginas. O autêntico «bloqueio», directo ou indirecto, de que somos vitimas no capitulo da publicidade desde que defendemos *com factos* e não apenas com palavras a produção cinematográfica nacional, muito contribui para essa imposição administrativa, que outros motivos evidentes bastariam para justificar: o alastramento da guerra e as suas conseqüências.

O papel não só encarece constantemente como escasseia cada vez mais. Para continuar a *produzir* torna-se indispensável *economizar*.

Esperamos que os nossos leitores fieis assim o compreendam e continuem a favorecer-nos com o seu apoio, comprando e assinando «Animatógrafo».

Bernardo Teixeira

Pode considerar-se verdadeiramente notável a entrevista com Carmen Miranda feita pelo nosso amigo e correspondente de «Animatógrafo» nos Estados Unidos da América, Bernardo Teixeira.

«Animatógrafo» sente-se satisfeito por ter contribuido para a revelação de um excelente jornalista cinematográfico. Bernardo Teixeira possui o sentido da oportunidade e sabe aproveitá-la. É exemplo disso a entrevista que publicamos neste número e que é digna de qualquer bom jornal do mundo.

Bernardo Teixeira numa nação em guerra e separado de Portugal pelo grande Atlântico continuará a enviar-nos a sua sempre sensacional colaboração num abraço de fraternal camaradagem.

O número de Natal

Apesar de tudo o que dizemos noutra panorâmica, «Animatógrafo» associar-se-á às festas comemorativas do Natal, publicando um número que embora não seja tão luxuoso como o do ano passado será mais uma prova da nossa boa vontade. «Animatógrofa» colaborará assim nas festas do Natal Portuguê§ e Cristão, iniciativa do semanário «Acção».

A nova época

A semelhança da anterior a nova época não dá razão de queixa.

Assinalam-se grandes êxitos comerciais e artisticos. Há filmes que se têm mantido no cartaz duas, três e mais semanas.

A permanência de «O Pai Tirano» no cartaz do Eden durante sete semanas deixa antever grande êxito para os filmes portugueses que estão prestes a estrear-se: «Pátio das Cantigas» e «Lobos da Serra».

Não há pois motivos para lamentações e os filmes estrangeiros — e muitos são — que se encontram já em Portugal asseguram uma época que está dando óptimos resultados.

Objectiva

Recebemos mais um número — o 30 da segunda série — da revista «Objectiva» dirigida por Artur Rodrigues da Fonseca.

Como de costume o seu aspecto gráfico é bastante agradável e cuidado.

Entre os colaboradores dêste número contam-se os seguintes: eng. Angelo Carneiro Leão, M. de Jesus Garcia, dr. António de Meneses e outros. Traz ainda fotografias de Anibal Contreiras, E. Esoldos, João Martins e Carlos Tudela.

É PRECISO NÃO DORMIR NA FORMA

Não sei se o documentadíssimo e interessantíssimo artigo que Augusto Fraga deu à estampa no penúltimo número do «Animatógrafo», e que se intitulava «A posição do Brasil no conceito dos produtores de Hollywood», os impressionou tanto como a mim próprio. E, no entanto, Deus sabe que já bem poucas coisas nos surpreendem no capítulo infindável das incúrias, inépcias e erros de palmatória cometidos em relação à produção cinematográfica nacional.

Uma atitude fundamental caracteriza a posição da economia portuguesa perante o Cinema: dormir na forma. Seja qual fôr o sector da actividade cinematográfica — produção, distribuïção, exibição, — seja qual fôr o problema que se proponha — proteccionismo, intercâmbio, corporativismo, alfândega, fisco, censura, — em todos êsses sectores e problemas, estreitamente ligados entre si e todos essenciais para a solução cinematográfica, dirigentes e dirigidos dormem na forma, com um alheamento que, dia a dia, se vai tornando mais perigoso e irremediável.

Veja-se o que se passa agora com o Brasil, «descoberto» pelos produtores americanos. Leia-se e medite-se o artigo apavorante de Augusto Fraga. Em vésperas de entrar na luta inter-continental mais formidável da sua história e até da História Universal, os Estados Unidos da América do Norte ocupam-se oficialmente das suas relações cinematográficas com os Estados Unidos do Brasil, procurando captá-lo, conquistá-lo, «ocupá-lo» por intermédio da «sexta coluna amável» de que falámos no nosso último artigo. Contratam artistas brasileiras, ensinam português às estrêlas de Hollywood, mandam vir sarrazinadores de música típica, embrulham tudo isso nas galas do Technicolor e põem o nome mágico de RIO nos letreiros luminosos da Broadway. Numa palavra: levam-nos à certa...

Levam-nos à certa — aos brasileiros e a nós, que nos gabâmos há quatro séculos de ter descoberto o Brasil, e que ainda não fomos capazes de descobrir pràticamente a forma de aproveitar as vantagens dêsse descobrimento, nem antes nem depois do grito do Ipiranga. O oiro loiro, derretemo-lo nos faustos fradescos de setecentos; o oiro negro bebericamo-lo a dez tostões o dedal nos cafés da Baixa. O oiro mental da literatura comum — uma das mais ricas e pródigas do mundo — estiola-se nas montras dos livreiros, escancaradas perante uma bicha interminável de analfabetos.

E vai daí, a América do Norte, com a candura de quem até agora só tem tido tempo para aprender o «big-apple», declara que não precisa para nada do mercado europeu, se assegurar convenientemente a distribuïção dos seus filmes no Brasil! E os brasileiros ficam muito contentinhos — e nós ficamos com cara de parvos, a festejar as fitas brasileirantes que os americanos fabricaram antes de nós, sem outro motivo para isso que não seja o de não estarem, como nós, a dormir na forma.

O recente acôrdo luso-brasileiro fala em vagas actualidades, em vaguíssimas fitas de interêsse histórico comum. E o dinheiro? Sim, o dinheiro para pagar a fita virgem a quatro escudos o metro, mais dois escudos para a fita de som, mais um escudo para o positivo, mais cinco escudos para o laboratório, mais 3 contos por dia para o estúdio, mais etc., etc.?...

Será preciso dá-lo, dá-lo de borla, como quem dá uma corôa «cravada» a uma esquina? Não. Não é preciso, nunca ninguém o reclamou assim. Basta abrir um crédito proporcional às garantias reais da indústria, como se fez em Espanha, como se fez na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, nos próprios Estados-Unidos, onde todos os Bancos avalizam «de cruz» qualquer negócio cinematográfico sério.

E em Portugal existem a Tobis Portuguesa, e a Lisboa Filme, e firmas produtoras, e firmas distribuïdoras PORTUGUESAS dispostas a produzir, e dezentos e tantos exibidores que reclamam filmes portugueses, e milhares de espectadores que vão mais numerosos ao «João Ratão» ou ao «Pai Tirano» que às fitas estrangeiras de técnica impecável, porque têm, sem dar por isso, o instinto dos interêsses nacionais e respondem automàticamente às exigências da sua nacionalidade. E nem a Tobis, nem a Lisboa Filme, nem ninguém, consegue, por mais que pregue, por mais que faça, por mais que se sacrifique, que lhe dêem, oficial, oficiosa ou particularmente, aquilo que é preciso para tornar possível a defesa legítima da posição cinematográfica nacional.

E como só nos resta, por enquanto, o direito de escrever neste lugar, pago do nosso bolso, aquilo que sabemos ser verdade, sem querer saber, como nunca quisemos, dos que nos ladram às canelas e acham talvez inconveniente o nosso tom, — achando ingènuamente «invejável» a nossa inglória e arriscadíssima posição — bradamos e bradaremos ATÉ AO FIM, a todos os que nos lêem, para que o digam aos que não nos lêem:

— É PRECISO NÃO DORMIR NA FORMA!...

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

UMA ENTREVISTA SENSACIONAL

CARMEN MIRANDA

Transmite ao nosso correspondente particular nos Estados Unidos, BERNARDO TEIXEIRA, as suas impressões de grande vedeta de cinema

Boston, 22 de Novembro de 1941

O facto de entrevistar Carmen Miranda não tem ùnicamente o interêsse de entrevistar uma célebre artista brasileira, que nasceu em Portugal, donde saiu com a tenra idade de quatro ou cinco meses. O facto principal, que muito mais me interessava que qualquer outro, era entrevistar «uma das mais populares artistas de cinema da América, senão a mais popular», (êste «popular» não tem, com certeza, um sentido plebeu).

Desde a costa do Pacífico ao Atlântico, desde os grandes lagos ao golfo do México, não há um só americano que não saiba quem é «Miranda». E isto, talvez, porque não há um só americano, da cidade ou da aldeia, do litoral ou das montanhas, que não vá ao cinema.

Nenhuma artista de Hollywood atingiu tão fulminantemente o expoente máximo da popularidade cinematográfica. Em seguida ao aparecimento de «One night in Rio», Carmen, perdão «Miranda» — porque, doutra maneira, não sabem quem é — tornou-se «a artista alvo da curiosidade pública número 1». Esperou-se então, com grande interêsse, o «Week-end in Havana». O «Week-end» veio — já se exibe desde algumas semanas — e Miranda reafirmou a popularidade que lhe dera «One night in Rio».

Não sei se já vistes (vós, claro) aí, em Lisboa, «One night in Rio». Admitamos, porém, que sim. Gostastes pois, como nem podia deixar de ser, e pela mesma razão que vos deu entusiasmo a propósito de «Down Argentina away», salvo seja «Sinfonia dos Trópicos».

Vistes assim, com vossos próprios olhos que Miranda triunfou em «One night», não só a «cantar dançando», mas também a representar.

O objectivo, porém, destas considerações, é o seguinte: dizer-vos a diferença fundamental entre «One night» e «Week-end».

Em «Uma noite no Rio», Carmen tem a sua profissão artística da vida real, é ciumenta, tem nacionalidade brasileira e ralha em língua portuguesa a D. Ameche que, embora entenda o nosso dulcíssimo idioma, lhe responde naturalmente em inglês.

No «Fim de semana em Havana», a Carmen continua ainda com a mesma profissão, ciumenta como de costume, naturalizou-se espanhola, visto que está em Cuba, e «já fala em inglês», em tôda a fita, cantando também na mesma língua em que Milton escreveu o Paraíso Perdido.

Portanto, a diferença principal é puramente lingüística.

Como aqui se trata do prólogo duma entrevista e não de crítica, dir-vos-ei tão sòmente que, em «Week-end», tem Carmen o mais importante papel da sua carreira, absolutamente em igualdade de circunstâncias com a Alice Faye, que a fita tem montagem luxuosíssima e que segue as pisadas da obra-prima do género — o célebre «Down Argentina away»... E que, portanto, vos agradará incondicionalmente e vos mostrará que Carmen Miranda, além de intérprete genial do folclore brasileiro, é também uma comediante, até na América.

Pôsto isto, vou contar-vos, com tôda a modéstia possível — para não vos despertar invejas ruins — como entrevistei em Boston, capital da Nova Inglaterra e a cidade mais aristocrática da América, uma das artistas de cinema que mais celebridade disfruta neste momento — a moreninha e simpatiquíssima Carmen Miranda, a «autêntica», porque os milhares de imitações que há por aí não me interessaram ainda.

Boston é uma cidade fria, especialmente no inverno, antiga e aristocrática no seu aspecto arquitectónico, lembrando muito uma cidade europeia — diga-se mesmo Paris em ponto mais pequeno. Em Boston, que é um pedacito maior do que Lisboa, fala-se o mais «puro» inglês dos Estados Unidos e ali vivem, em aristocrático desdem pelo resto da humanidade, umas dúzias de famílias de estirpe azul cujos antepassados chegaram à América, na célebre barca «Mayflower», durante o ano de graça de 1616.

Um dos principais teatros de Boston chama-se Shubert, explorado, como muitos outros mais, pela emprêsa à qual Carmen está ligada por um contrato que durará ainda três anos. Carmen, depois das filmagens de «Week-end», veio para New-York, onde foi ensaiada a fantasia «Sons o'fun», estreada no Shubert de Boston. E aí está a razão clara, fácil e límpida que mantém ainda por alguns dias a «exaltada» Carmen em Boston... e, conseqüentemente, a razão confusa, difícil e mórbida que me levou a Boston também, expressamente para a ver.

O destino, cavalheiro maldoso que nem sempre nos deixa estar no sítio que mais nos agrada, tinha atirado comigo, durante algumas semanas lá para os lados do Canadá, onde faz um frio de estarrecer os mortos — que não tenham aquecimento central nas sepulturas. Assim, num daqueles destemidos arrancos lusitanos que fizeram dobrar o cabo do Bojador e outros cabos mais, resolvi tomar um dêsses velozes trens americanos (combóios, como se diz lá na minha abençoada Beira) e, sem temor dos freqüentes descarrilamentos e catástrofes conseqüentes, desembarcar em Boston na noite de 19 de Novembro. (Lamentàvelmente não me fizeram qualquer recepção oficial).

Animado pelo fogo sagrado que me trouxera de longe, encontrei-me daí a poucos minutos a entrevistar o «doorman» da entrada de artistas do Shubert. Disse-lhe que desejava ver Miss Miranda. Êle pediu-me um cartão e mostrou-se bastante péssimista quanto à seriedade do mister jornalístico que me levara ali. — Soube ao outro dia, já em conversa amigável com o sujeito, que os mocinhos como eu («young fellows», segundo a expressão dêle) costumavam andar na escola em vez de por aqueles sítios (!). Talvez pelo facto de que os jornalistas que habitualmente se interessam por teatro e cinema sejam pessoas idosas de trinta anos ou mais!

Carmen, que nessa noite estava bastante ocupada, apareceu-me durante dois minutos apenas, com um daqueles sorrisos que nunca a largam, e marcou-me a entrevista para o outro dia, às dez menos um quarto da noite.

Ao outro dia, o supra citado «doorman» recebeu-me com tôda a simpatia, talvez porque me achasse já mais velho, e, antes de me deixar passar, houve o seguinte espantoso diálogo que vou reproduzir textualmente.

Disse-me êle, batendo-me nos ombros:

— «How is your President Carmona?»

Mal refeito de espanto, pelo inesperado da pregunta, apenas respondi:

— «He is fine... I hope.

Comentário sorridente do «doorman»:

— «Oh! Boy oh! Boy!... He is a nice fellow... I read something about...»

Quando saí do teatro, o «doorman» voltou a dar-me palmadinhas nas costas e a manifestar de novo a sua simpatia pelo Presidente Carmona:

— «I saw a picture of Mr. Carmona and of all his family... wife, sons, daughters, grandsons, great-grandsons... Oh! Boy! Plenty of children... twelve sons and seven daughters... He is a nice fellow indeed!»

Por curiosidade, reproduzo textualmente a anedota; não quis diminuir a admiração do bom homem, dizendo-lhe que Mr. Carmona, era de facto, «nice fellow», mas não tinha uma «plenty» tão grande de filhos.

Carmen Miranda estava ocupadíssima nas suas incríveis mudanças de «toilette»; por isso, enquanto o seu assistente de vestuário — uma rapariga brasileira — lhe mudava os coloridos ornamentos de seda de muitas côres, a entrevista começou. E se algum pormenor de «toilette» se tornava mais íntimo, eu púdicamente baixava os olhos... ou olhava para o espelho disfarçadamente.

Dá-se um facto curioso com Carmen, único entre as artistas de Hollywood; ela pode ser entrevistada em português... e tem de fazer-se justiça à doçura da sua voz.

Como não gosto de fazer rascunhos prévios para entrevistas futuras, preguntei-lhe aquilo que no momento me lembrou, e tomei nota das respostas, com a forma textual.

Carmen surpreendeu-me pela extraordinária juventude e graciosidade de «tôda ela»; parece ter permanentemente o espírito optimista; ri, que é um gôsto vê-la rir; não fica parada nunca; não tem atitudes postiças nem pesa as palavras afectadamente, como costumam fazer as pessoas célebres, ou aquelas que o julgam ser. Carmen é invulgarmente expressiva e expansiva; vê-se que é sincera; gosta de ser modesta. O mais pequeno detalhe é capaz de entusiasmá-la; fala então muito depressa, com gestos encantadores e complicados a finalizar as frases... e nem o estenógrafo mais veloz será capaz de a acompanhar.

— Para onde vai, depois de Boston?

— *Para New-York, dentro duma semana. Vamos montar em Broadway o mesmo «Sons o'fun».*

— Por quanto tempo está você prêsa a êste contrato?

— *Estou prêsa ainda por três anos a esta mesma emprêsa do Shubert, embora haja um acôrdo com a 20th Century, acôrdo que me permite fazer fitas para esta firma.*

— Quando acabou os trabalhos do seu último «film», «Week-end in Havana»?

— *Em Agôsto último.*

— Tem alguns novos contratos para novas fitas?

— *Durante o actual contrato farei, que eu saiba até agora, três fitas mais. Os trabalhos da primeira começarão em Junho próximo.*

— Como se chama essa fita?

— *Não sei.*

— De que se trata?

— *Não sei. Mas é certo que me darão um papel semelhante aos outros... mulher latina, ardente, ciumenta...*

— Quem são os seus parceiros?

— *Continuo a não saber. Provàvelmente o Don Ameche ou outro galã no género latino.*

— Gosta de Hollywood?

— *Se gosto! É a terra abençoada de Deus. Gostaria de lá viver sempre. Talvez quando acabar o presente contrato, que me obriga a trabalhar no teatro, eu me estabeleça permanentemente em Hollywood».*

— O que mais a impressiora na capital do cinema?



(E Carmen fez, nessa altura, um alto elogio panorâmico a Hollywood, Los Angeles e a tôda a Califórnia, dizendo, entre outras coisas, *«é tão verdinho»*, e que, de certo modo, a paisagem se assemelhava à do Rio de Janeiro e arredores. Não poderei, no entanto, reproduzir fielmente as expressões de Carmen, a propósito da «terra do oiro», em virtude da velocidade entusiástica em que foram ditas).

— *É uma vida de trabalho intensa, disse ela ainda; «estudio» às oito da manhã, cama mais ou menos às nove da noite; à meia-noite não se vê quási ninguém na rua. Como você sabe, a gente de Hollywood, quando quere divertir-se, vem a New-York.*

— Quais são os artistas que a Carmen mais admira?

— *Muitos, muitos. Spencer Tracy, Gable, Don Ameche, Garbo, Bette Davis, Alice Faye e muitos outros.*

— Com quem gosta mais de trabalhar?

— *Não posso dizê-lo.*

— Gostaria de interpretar papéis da natureza diferente daqueles que tem feito? Parece-lhe que triunfaria?

— *Sim, gostava muito. Parece-me que na próxima segunda ou terceira fita terei já um papel completamente diferente; talvez nem cante. Logo que domine bem o inglês, julgo que triunfarei na comédia, e é isso também que pensam os meus empresários.*

— O que pensa do facto de a terem espanholizado em «Week-end in Havana»?

— *Não o posso evitar. Não assinei contratos simplesmente para determinado papel. Não posso ser sempre brasileira nas fitas. Talvez faça até papéis de francesa, italiana ou chinesa... Irei aprender o chinês se fôr necessário... Eu topo a qualquer parada.*

— Gosta de cantar em inglês? Não lhe parece que isso roube grande parte da razão do seu sucesso?

— *Gosto de cantar em inglês. E não creio que isso me prejudique; pelo contrário, quando canto em inglês, o público mais fàcilmente me ovaciona, visto que me entende... O público americano detesta não compreender a letra das canções».*

Nesse momento fomos interrompidos por alguém que veio avisar Miss Miranda de que, dentro de dez minutos, devia entrar em cena. Faltava, ao que parece, qualquer detalhe íntimo do vestuário de Carmen; por isso, enquanto ela segurava com as mãos, diante dela, uma espécie de faixa a fazer cortina, a assistente procedia à operação, camuflada, de mudar qualquer coisa no vestuário complicadíssimo da vedeta pública número 1 de Hollywood. Cavalheirescamente desviei o pensamento dali para longe, para aquele célebre conceito do grande filósofo asiático: «só são realizáveis as coisas que, de facto, já se realizaram».

Carmen levou-me até ao palco e meteu-me lá, atrás duma cortina,

(Conclui na página 10)

Montagem rápida de notícias frescas

JOÃO BASTOS e FERNANDO FRAGOSO concluiram a adaptação cinematográfica da comédia original do primeiro, «O Costa do Castelo» que vai ser realizada por Arthur Duarte para a Tobis Portuguesa.

★

Encontra-se na Póvoa de Varzim uma equipa da Tobis Portuguesa sob a direcção de Leitão de Barros que está a filmar alguns planos de ligação para o filme «ALA, ARRIBA!».

Terminaram no último sábado as filmagens de «O PÁTIO DAS CANTIGAS» com uma filmagem nocturna que se prolongou até de manhã.

★

Consta que LEITÃO DE BARROS e o dr. CAMPOS FIGUEIRA preparam uma viagem de estudo à Alemanha e Itália.

Não é de admirar que a esta viagem se liguem assuntos de produção cinematográfica.

Nos estúdios da Tobis Portuguesa procede-se ao registo da música de fundo do filme «O PÁTIO DAS CANTIGAS» sob a direcção do maestro Frederico de Freitas.

★

Com a aquiescência da Prod. A. L. R. o actor ANTÓNIO SILVA fechou contrato com a Tobis Portuguesa para interpretar o protagonista de «O Costa do Castelo».

A FEIRA DAS FITAS

«A Canção da Saudade»

(Penny Serenade)

Êste filme foi para nós uma grande desilusão.

A história que não deixa de não ter um certo interêsse, não possui porém condições para se fazer um grande filme. E a insistência na *explicação* cinematográfica da história pela utilização da ideia dos discos — que não passa de uma modalidade de idêntica solução em *Kitty Foyle* — monotoniza a acção, por não nos dar aso a divagações espirituais que apesar de tudo são precisas para certos filmes. A condensação e a obrigação a um campo limitado prejudicam um filme por não consentir uma liberdade de imaginação que é sempre precisa. Irene Dunne e Cary Grant fazem o que a rubrica lhes manda e nada mais. Curiosa e digna de menção a cena da primeira noite que o bébé passa em casa de seus pais adoptivos. — J. M.

«Miami»

(Moon over Miami)

Com tôdas as possibilidades para constituir um extraordinário espectáculo de movimento, alegria e côr, «Miami» não passa, porém, de um espectáculo de côr. De facto, o grande valor dêste filme reside no trabalho de Nathalie Kalmus a especialista no Technicolor.

As canções com óptimas possibilidades de êxito são fraquinhas e a melhor ainda é a que tem o título do filme. No entanto, e apesar de todos os seus erros, «Miami» pode ser um êxito de bilheteira, e isto porque tem Betty Grable, artista que pela sua beleza e ainda pelo facto de ter tido a sorte de figurar em alguns filmes coloridos, o que lhe dá um ar ainda mais tentador, tem um público de jovens que invadem o cinema para a ver dançar a rumba, a conga ou qualquer outra e ainda ouvir a sua voz quente e perturbadora em canções que os entusiasmem. Para as meninas o Don Ameche e o Robert Cummings são o suficiente para as levar lá

Já se vê que não será de admirar que êste filme alcance um êxito comercial bastante agradável, apesar da sua fraquíssima cotação. — J. M.

«Os Amores de Joaninha»

(Tom, Dick and Harry»)

Garson Kanin foi, dentro de Hollywood, uma revelação das sensacionais. Tendo passado velozmente pela assistência e pelos departamentos de planificação revelou-se aos produtores um elemento que seria aproveitável para dirigir algumas das fitas «correntes» dos estúdios. Quando lhe entregaram a realização de «História duma Vida», Kanin, que só tinha vinte e dois anos, transformou uma história arrastada e pesadamente dramática numa fita original, cheia de bom cinema e de efeito espectacular. Ganhou, com isso, esporas de oiro. E daí para a frente revelou-se sempre um bom realizador com originalidade. «Mãezinha à Fôrça», «Casamento em Segrêdo» e «O Outro» são notáveis momentos da sua carreira que o consagraram, sem favor, como um dos melhores realizadores actuais.

Kanin não deixou de ser um grande realizador. A prova está em várias passagens de «Os Amores de Joaninha», está na marcação do plano de Ginger antes desta começar a sonhar, está na conclusão de tôda a cena final. Mas a originalidade de Kanin arrebatou-o, transformou-se em loucura e o grande realizador com originalidade, mostrou-nos agora trabalho de grande original, realizador.

É aliás esta núvem de «grande original» que deita uma sombra no trabalho de Ginger Rogers por vezes transformado em produto artificial, núvem que embora não baste para toldar as suas muitas qualidades de artista, chega, no entanto, para nos recordar com saüdade algumas das suas últimas interpretações.

Dos outros intérpretes só Burgess Meredith consegue atravessar a «nuvem» de forma a salientar-se. Isso deve-se especialmente à feição do papel talhado para êle como luva: um louco fantasista. — F. G.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«CASADA COM NINGUÉM» (M. G. M.)
— As qualidades do argumento original de LIONEL HOUSER.
— A interpretação de MYRNA LOY, em todo o filme e em especial na cena em que imita uma «mulher ordinária».

«MIAMI» (Fox Filmes)
— O trabalho da colorista NATHALIE KALMUS.

«O GRANDE GARRICK» (Sif)
— O humorismo dos diálogos.
— A boa tradução portuguesa das legendas.
— O discurso de Garrick, na cena final.
— O desempenho de Brian Aherne (David Garrick).

«OS AMORES DE JOANINHA» (R. K. O.)
— A interpretação de MEREDITH (Harry); momentos de boa realização de GARSON KANIN quando não se estragam por originalidade pouco consistente; os recursos de GINGER ROGERS (Jo).
— O «gag» das campainhas e o seu aproveitamento final.

«OS 3 CODONAS» (Portugal Filmes)
— O bom aproveitamento cinematográfico da arrojada execução dos trabalhos em trapézio.

«Os 3 Codonas»

(Les 3 Codonas)

Sempre os alemães tiveram jeito especial para êste género de filmes cuja acção decorre em ambientes de circo e pretende retratar a existência alegre ou triste dos seus aventurosos componentes. Se quisessemos poderiamos recordar alguns bons filmes que, em tempos idos, fizeram carreira e serviam, agora, para comprovar tal afirmação. Não admira, portanto, que êste filme reüna condições indiscutíveis de interêsse e agrado, mercê especialmente das cenas de emoção que são vividas pelo admirável grupo de gimnastas que evocam a carreira célebre dos famosos trapezistas. Pode mesmo dizer-se que todo o interêsse espectacular do filme assenta no trabalho emocionante do tríplice salto mortal criado pelo famoso trio de acrobatas que tivemos oportunidade de ver no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.

A par da característica desportiva intensa e agradável, a fita explora acertadamente a odisseia dêsses famosos artistas, iniciada na tràgicamente. A sua actuação na Europa, os amores de um dos componentes, tudo é aproveitado com bom sentido de espectáculo, e valorizado por interpretação acertada confiada a um grupo de novos artistas alemães. — F.

«Casada com Ninguem»

(Third Finger, Left Hand)

Construída sôbre um esplêndido argumento original de Lionel Houser, esta película de Robert Z. Leonard contém qualidades que não se podem considerar invulgares, por se encontrarem habitualmente em numerosos filmes americanos, mas que são extremamente valiosas debaixo do ponto de vista puramente cinematográfico e quanto ao aspecto espectacular.

O argumento tem um magnífico ponto de partida e está recheado de situações e apontamentos da melhor inspiração. Todo o desenvolvimento da história, em especial até à «noite de núpcias» em que Jeff se constipa, foi trabalhado da melhor maneira.

Robert Z. Leonard dirigiu o filme o melhor possível, como sempre. E, como sempre também acontece em tôdas as suas produções, tirou dos intérpretes, de todos êles, o máximo rendimento.

Myrna Loy tem aqui uma das suas melhores criações, valorizada pela cena em que imita uma mulher ordinária; Myrna consegue anular a sua distinção natural e sugerir a mulher acanalhada da forma mais convincente e espirituosa.

Melvyn Douglas magnífico, num papel que, aliás, não apresenta dificuldades. Felix Bressart (o fotógrafo) e Donald Meek (o negociante de quadros) fazem as suas rábulas com o brilho habitual.

Nos outros papéis Lee Bowman (Philips), Raymond Walburn (o pai de Margot) e Bonita Granville (Vicki). Joe Yule, o pai de Mickey Rooney, aparece neste filme, na minúscula rábula do criado do *dancing*.

As excelentes condições de espectáculo de «Casada com ninguém» têm a acompanhá-las condignos complementos, todos interessantes e curiosos. É justo destacar no entanto o desenho animado de Hugh Harman. — D. M.

«O Grande Garrick»

(The Great Garrick)

Excelente espectáculo de ironia subtil e graciosa é êste em que se explora um episódio curiosíssimo da vida dêsse grande actor inglês que foi o maior intérprete de Shakespeare, a ponto de merecer a honra de ter sido sepultado junto do seu túmulo na abadia de Westminster. A sátira à vida, aos hábitos e às intrigas dos artistas teatrais (neste ponto o filme fez-nos recordar certa comédia que vimos há tempo com Leslie Howard) é feita com ironia através de uns diálogos inteligentes, recitados em tom empolado, com sabor de grande estilo.

Tôda a parte principal da acção se passa numa estalagem, cujo ambiente do século XIX está admiràvelmente tratado. Aí se localiza a anedota, com seus equívocos e as cenas cómicas de atmosfera teatral, num ritmo de humorismo permanente e muito curioso. Feliz é, ainda, o achado da cena final com o discurso de Garrick na «Comédie Française».

Brian Aherne, que tem o seu nome feito como actor de real talento, tem neste filme a melhor criação da sua carreira. A seu lado, vemos a sempre linda Olivia de Havilland. — A. F.

O professor Dr. Hermann Joachim prefaz 60 anos de idade

O Professor Dr. Hermann Joachim, membro da direcção de Zeiss Ikon A. G. completou, em 3 de Dezembro, 60 anos de idade.

Destaca-se êste aniversário precisamente no momento em que êste venerável sexagenário, espírito vivíssimo, sábio polímato, pessoa de trato afável, se entrega de corpo e alma, ao progresso da sua Pátria, contribuindo, com o estudo e a acção, para a respectiva valorização científica e económica.

A sua carreira é um exemplo de inteligência e tenacidade. Após anos de estudo em Berlim e Goettingen, o Dr. Hermann Joachim era colocado no Instituto de Mineralogia em Goettingen, onde se dedicou apaixonadamente à óptica do cristal. A sua ânsia de estudo levou-o a realizar várias viagens demoradas, começando pela França. Tão depressa o seu nome se impôs, no domínio da ciência, que foi escolhido para orientador científico do conhecido Instituto de Instrumentos Militares A. e R. Hahn, em Kassel, tendo colaborado, aqui, no aperfeiçoamento do aparelho de medição de distâncias para o exército e marinha. Essa actividade alargou-se extraordinàriamente durante os anos da passada guerra.

Nêsse período, ainda, o referido Instituto, transformado em sociedade industrial, e, mais tarde ligado às fábricas Goerzen, de Berlim, estabeleceu a permuta de experiências dos utensílios militares, aperfeiçoados a tal ponto que as produções Hahn deram lugar a uma grande actividade. Os primeiros aparelhos medidores de distância — o «Grande Hahn» e o «Pequeno Hahn» — foram usadíssimos e ainda hoje são recordados pelos artilheiros da Grande Guerra.

Compreende-se, portanto, a justiça com que o Dr. Joachim foi, nessa época, condecorado com a «Cruz de merecimento de guerra» e a «Cruz de Ferro», fita branca-preta.

Finda a guerra o eminente homem de ciência impôs-se a obrigação de transformar a produção de instrumentos de utilidade bélica, em fabricação de aparelhagem de paz — chamemos-lhe assim. Surgiram então os conhecidos «fechos-Hahn» (espalhados hoje por todo o mundo com a marca Zeiss-Ikon).



O professor dr. Hermann Joachim

O Dr. Joachim, com a mesma energia, com o mesmo entusiasmo, voltou as suas atenções para a construção de aparelhos cinematográficos, desde a câmara de impressão, ao aparelho de projecção. Os seus estudos, os seus aperfeiçoamentos obtiveram tal êxito que nos apareceu, em seguida, sócio fundador da Sociedade Técnica de Cinematografia de cujos corpos directivos faz parte. Dêle partiu a base científica de tais construções e conseqüente invento de numerosos aparelhos e dispositivos novos cujas utilidades, abrindo novas perspectivas o Dr. Joachim se encarregou de proclamar pela palavra e pelo livro. Recordaremos, a propósito, que em 1928 apareceu o «Manual de Cinematografia Prática», de Liesegang, no qual o problema da projecção é tratado largamente e em moldes absolutamente inéditos.

Em 1926, pela fusão das fábricas Ica, Ernemann, Goerz, Hahn e Contessa Nettel, que deu origem à sociedade «Zeiss Ikon, o Professor Joachim foi chamado para director dos estabelecimentos Ica, em Dresde. Ali meteu ombros à tarefa de maior responsabilidade: a grande ampliação do laboratório científico. Dessa missão se saiu tão vitoriosamente que, resolvidos novos problemas postos ao seu espírito inovador, assegurava a Zeiss Ikon uma posição do maior relêvo, parte da qual em matéria completamente nova, tal como o filme falado e a televisão.

A carreira do Dr. Hermann Joachim atingia o ponto culminante: em 1934 era incumbido do ensino de Cinematografia na Alta Escola Técnica, de Dresde e, onde, pouco depois, ascendia ao honroso cargo de professor.

Por êste ligeiro esbôço se pode avaliar da categoria do activo cientista cuja aniversário não pode passar despercebido, não só pelo que representa de êxito pessoal, como pelo que de prometedor traz à posição mundial das fábricas Zeiss Ikon A. G. onde a actividade do Dr. Joachim constitue segura garantia de novos e grandes empreendimentos, para orgulho do século em que vivemos.

CINEMA DE AMADORES

Breves anotações à margem de seis filmes estrangeiros projectados na séde do C. P. C. A.

Vários motivos haviam-nos impedido de assistir à primeira exibição de filmes suiços, húngaros e alemães que se realizou na sala do Clube Português de Cinema de Amadores. Os que a ela assistiram contaram-nos coisas maravilhosas acêrca dos filmes projectados. Compreende-se, portanto, o entusiasmo com que nos dispusemos a ver os referidos filmes na segunda sessão realizada na última terça-feira. Analisemos antes um por um e avaliemos do seu conteúdo e valor.

«O BICHO DA BATATA» curioso cultural, é mais um filme pedagógico, com grande interêsse educativo destinado mais a uma escola superior que a um espectáculo de arte — chamemos assim às sessões de filmes de amadores. São exemplo disto os gráficos e as numerosas legendas explicativas. O seu autor cujo nome desconhecemos, deve ser, por certo, professor e — íamos jurá-lo — fez êste filme para dar uma curiosa lição aos seus alunos. O filme cultural nos filmes de amadores, precisa de ter, como nos profissionais, um sábio tratamento que provoque um interêsse espectacular. Sem êle a obra resulta numa enfadonha lição que não chega a alcançar o mínimo interêsse cinematográfico.

«TRAGÉDIA» foi o segundo filme projectado. Curiosíssimo, com uma fotografia quási impecável e bastante difícil pois grande parte do filme decorre em ambientes nevoentos, êste filme presta-se a uma meditação e a um estudo psicológico dos amadores húngaros. Há em «Tragédia» mais do que a preocupação de fazer um filme, um desabafo espiritual e uma manifestação romântica. Não é, porém, o romantismo latino, aquele que nos é familiar, mas antes um estado de alma que não nos sendo habitual provoca, todavia, em nós um certo bem estar e uma angústia que apesar de tôda a tragédia de que se encontra envolvida nos é agradável.

Zambori Vilmos — morto estùpidamente num desastre de viação — é o amador húngaro autor dêste filme. Deve ter deixado outras obras curiosas e que era bastante interessante projectar para se poder analisar do seu valor e do seu estilo cinematográfico. «Tragédia» deixa-nos adivinhar qualquer coisa, mas é muito pouco para uma pessoa que deve ter sido tão grande.

A história de «Tragédia» é parte duma vida contada em síntese. E que bem reduzida está essa parte dessa vida. Se se alonga um pouco mais na taverna é porque, justamente aí é que reside o eixo de tôda a história. É o contraste entre o início da tragédia e o seu fim. Há figuras dispersas, beberricando, jogando ou tocando que se relacionam com tôda a história. Magníficos todos os exteriores. Há planos que me recordam Eisenstein e Tissé na «Romanza Sentimental».

(Conclui no próximo número)

Um concurso internacional

Deve estar a realizar-se em Estocolmo um concurso internacional de filmes de amadores organizado pela «Liga Sueca de Amadores de Cinema». A Alemanha participa neste concurso com algumas notáveis películas entre as quais se destacam Herbstmosaik, Kleiner See, Glück auf Schienen.

Nesta importante manifestação que é a segunda que se realiza na Europa desde que foi declarada a guerra, o dr. Karl Melzer, chefe da Cinematografia alemã sugeriu a conveniência de se organizar em breve um Congresso Internacional de Filmes de Amadores que espera seja acolhida com entusiasmo por todos os países europeus.

CARMEN MIRANDA

(Continuação da página central)

mesmo à bôca da cena, «porque ali se via muito bem». Assim, a desempenhar o vago papel de «espião» da peça, constatei pessialmente que ela cantou um samba, uma canção em inglês, outra música de apoteose; dansou, rodeada por um belíssimo grupo de «girls» e depois levando pela mão uma «mirandazinha» de quatro anos de idade, que lhe copiava os gestos tal e qual; muitas palmas, etc... o pano desceu, porque se tratava de fim de acto, e a vedeta de «Sons o'fun» voltou ao seu camarim, seguida pelo episódico espião da peça.

— Que circunstâncias precederam o seu salto de Broadway para Hollywood?

— *No fim dum mês de Broadway fiz um «test» que, ao que parece, resultou bem. Filmei em New-York, nessa altura, as cenas de «Down Argentina way». Fiz as provas para «One night in Rio». Fui de férias ao Rio de Janeiro, entretanto, onde estive 3 meses. Tive no Rio uma recepção que me emocionou profundamente, pois havia mais de 70.000 pessoas a receber-me. Voltei à América, directamente para Hollywood, onde comecei os trabalhos de «One night in Rio». Depois de uma semana de filmagens, a 20th Century telegrafou ao meu empresário, pedindo uma revogação de contrato para mais fitas. E aí está...»*

— Qual foi a sua primeira impressão do contacto com Hollywood?

— *Óptimo. Gostei de tudo e de todos e todos gostaram de mim.*

— Teve o pressentimento de triunfar ou não?

— *Não, porque no fundo sou pèssimista e nunca julgo que vou triunfar. Espero sempre as coisas pelo lado pior.*

— Gosta mais do palco ou do cinema?

— *Do cinema, sem comparação possível.*

— Pode contar-me algum episódio curioso, alguma anedota, do seu primeiro contacto com Hollywood?

— *Nada; tudo normal como num convento.*

— Quantas vezes esteve em Lisboa??

— *Nunca lá estive.*

— Em que lugares da Europa cantou?

— *Nunca estive na Europa. Tive oferta de contratos para ir a Lisboa e Paris, mas não fui.*

— Gostaria de interpretar uma fita em língua portuguesa?

— *Sim, mas não tem viabilidade.*

— Fez cinema no Brasil?

— *Apareci lá em fitas; mas o cinema no Brasil estava então numa fase muito atrasada.*

— E sobre o resto da América do Sul?

— *É a Argentina, o único país da América do Sul onde o cinema está rasoàvelmente desenvolvido. Depois de estar nos Estados Unidos, tive propostas de Buenos Aires para ir ali filmar, tendo-me sido oferecido honorários iguais aos de Hollywood, em dollars.*

— Quando vai você por aí abaixo, até ao Brasil?

— *Julgo que em Maio, do próximo ano, para aproveitar umas feriazinhas.*

— Quem são os «wolves» de Hollywood?

— *Quere você dizer os perseguidores de meninas!?... Hui! Os latinos. Cesar Romero é terrível!*

— Qual dos seus «films» mais lhe agrada?

— *«Week-end in Havana»... principalmente porque dou muito mais beijos.*

— O que pensa do amor?

— *É muitíssimo bom. Sem amor a vida não é nada.*

— Qual é o seu tipo de homem preferido?

— *Morenos, bem morenos e ardentes... olhos negros... impulsivos... ciumentos... brigões!»*

(Pessoalmente o autor destas linhas está convencido de que a preferência de Carmen, expressa textualmente assim, não corresponde cem por cento à verdade. É a necessidade artística de manter a fama de «mulher mais ardente que veio da América do Sul»).

— Diga-me, Carmen, agrada-lhe o carácter dos homens americanos?

— *São extremamente gentis e leais... Mas para casar não quero...*

— É você ciumenta?

— *Push!!!...*

— Não está você a exagerar?

— *Não senhor. Sou... muito convencida... se gosto de alguém.*

— Que papel, segundo você, desempenham os beijos no amor?

— *Retire a pregunta, faça favor.*

— Que gôsto têm os beijos cinematográficos?

— *Nenhum, francamente. Ensaia-se o mesmo beijo vinte ou trinta vezes.*

— Quando é o dia do seu aniversário?

— *...Não tenha receio. Fiz vinte e sete anos, e não faço segrêdo disso.*

— Há quanto tempo está você casada?

(Esta traiçoeira pregunta, foi porque em New-York se dizia...)

— *Estou absolutamente solteira, e não tenciono casar-me senão daqui a três ou quatro anos ou quando calhar.*

Entrou, nessa altura, um sujeito que pelos vistos era compositor musical ou coisa no género e que trazia uma cançãozinha, muito espirituosa, segundo me pareceu, e que êle, compositor, veio explicar com gestos e voz de falsete. Êste episódio tomou dez minutos que eu aproveitei para vir admirar a paisagem do corredor: os grupos de coristas, noventa por cento loiras, e por dever simétrico, quási tôdas da mesma altura. Estas raparigas que têm com as coristas de revista de Lisboa a mesma semelhança que um cidadão esquimó com um gato felpudo francês — são, as poucas que não cursaram o Conservatório ou Academia de Baile, pelo menos diplomadas, isto é, graduadas pelo «high school», seja o liceu. Orçam tôdas «cronològicamente» entre os dezasseis e vinte e um anos.

O exemplo mais estupendo é o célebre conjunto das «Rockettes» do Radio City, onde cada uma delas é «bailarina diplomada».

A entrevista tinha acabado. Em conversa extra-notas, Miss Miranda falou-me da questão de nacionalidade. Segundo ela me disse: Nasceu em Portugal, filha de pais portugueses. Foi para o Brasil, aos quatro ou cinco meses de idade e nunca mais atravessou o Atlântico para o lado da Europa. Tem o mesmo orgulho de ter nascido em Portugal que teria se tivesse nascido no Brasil, visto que, entre outras coisas, a portuguesa era «uma raça valente» e igual à Brasileira. Fez tôda a sua educação e tôda a sua vida no Brasil e que, portanto, é o Brasil a sua primeira Pátria; que tudo o que ela é — o deve ao Brasil, que tôda a sua arte é o Brasil. Que ama a terra portuguesa, de que aliás não se recorda, como terra sua também. Que, além disso, não distingue a diferença entre portugueses e brasileiros, visto que falam a mesma língua, se parecem uns com os outros, têm as mesmas virtudes e fazem as mesmas tolices.

Dei inteira razão a Carmen e, pessoalmente, considero-a uma artista brasileira, embora com isso não passe a ser uma estranha para nós.

E se um paralelo fôsse necessário, teríamos êste claro exemplo:

CARMEN MIRANDA É UMA ARTISTA BRASILEIRA, EMBORA NASCIDA EM PORTUGAL, PELA MESMA RAZÃO QUE GONÇALVES CRESPO É UM POETA PORTUGUÊS, EMBORA NASCIDO NO BRASIL.

Ora aí está uma combinaçãozinha catita de que nem o Presidente Vargas nem o Presidente Carmona se podem zangar.

Despedi-me de Carmen desejando-lhe as maiores felicidades, como é hábito entre pessoas bem educadas. Ela deu-me um apêrto de mão que durou exactamente quatro segundos e dois quintos. Disse, com uma legião de sorrisos de permeio:

— *«Adeus queridinho»!* (Não se espantem, porque Carmen Miranda, com o feitio carinhoso que tem, chama *queridinhos* ou *«darling»* a tôdas as pessoas com quem fala, sem distinção de idade, sexo, posição social, ou beleza fotogénica. Assim o verifiquei, durante uma hora em que lá estive; desde as modestas ajudantes até ao velhote empregado que veio trazer um ramo de flores, todos eram «darling». Assim não custa acreditar que uma artista se torne irremediàvelmente simpática às pessoas que a conhecem. Ora aí está, estaria quero eu dizer, uma bela lição para as orgulhosas vedetas dos teatros Variedades, Maria Vitória, Apolo e quejandos).

— *Apareça em New-York... já sabe... Central Park West 25.*

Agradeci, pela última vez, e, cavalheirescamente, recuei em leve mesura até à porta, como se fazia antigamente em França, nos salões da marquesa de Rambouillet.

BERNARDO TEIXEIRA

Errol Flynn

está a divorciar-se de LILI DAMITA por causa da rainha do tabaco!

Em 1935, quando a sua estrêla de «star» já começava a empalidecer, Lili Damita encontrou no barco que a conduzia para a América um jovem irlandez pouco comunicativo que um contrato de Hollywood arrancara aos seus devaneios de navegador solitário e aventureiro.

Encontro foi êsse que o bom nativo do Estado Livre de Irlanda não se esqueceu da sua encantadora companheira de viagem. Tão fortes eram as recordações que alguns meses depois Lili Damita e Erroll Flynn casaram-se na Califórnia, numa paróquia perto de Hollywood.

E com o andar dos tempos, Hollywood que tinha conhecido os menos vulgares matrimónios, que se orgulhava de ter abrigado as mais estravagantes famílias, nunca tinha assistido ao viver dum casal como o que formavam Lili e Erroll. Desavindos hoje, de forma que parecia impossível uma reconciliação tal as coisas que um a outro se diziam mesmo em público, no outro dia, como se nada entre ambos houvera, jantavam juntos no Trocadero ou no Cocoanut Grove. Ciumenta como uma leôa, Lili Damita que cinco minutos antes, numa «party» ou num concêrto, gozava enlevada a companhia do marido, estava agora, só porque alguma mulher mais fixamente olhava para ambos, fora de si, fazendo as cenas mais desagradáveis que uma mulher pode em público fazer a um Romeu...

A tudo isso no entanto, Hollywood se habituara. A êsse viver, anos e anos, Erroll Flynn se conformou, com evangélica e invejável paciência.

O pior para a Liliane Carré de outros tempos, com quem a Lisboa galante e boémia de há cinco lustros conviveu de perto, foi que há poucos meses aportou à capital do cinema uma senhora da melhor sociedade americana, de linhagem dos Vanderbiltts, dos Whitney, ou dos Astor, sangue azul da jovem América. Chamava-se Doris Duke Cromwell, e é herdeira dum fabuloso rei do tabaco, cuja fortuna anda na casa dos duzentos milhões de dólares! De facto, Erroll Flynn, só vê agora Miss Doris. De tal forma que acaba de re querer o divórcio de Lili Damita, pondo fim, dessa forma, a um dos mais pitorescos e loucos casais que Hollywood tem abrigado nos seus muros de papelão...

«O Correio de Bel Tenebroso»

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1413 — REPÓRTER DEL HAVRE *(Braga)*. — Miliza Korjus, a intérprete de *A Grande Valsa*, não voltou aos estúdios, após êste filme. Anda em *tournée*, pela América, integrada numa companhia lírica. Impossível, por isso, dar-te o informe que solicitas.

1414 — RO-BER-TO. — A pequena actrizinha Sybil Janson tomou parte, em Londres, em dois filmes: *Barnacle Bill* (que a Metro refez agora com Wallace Beery no protagonista e Virgínia Weydler, no da garota) e *Dance Band*. Depois disso foi para a América e apareceu em *Capitain's Kid* e *The Great O'Malley*.

1415 — AMO GRAÇA MARIA *(Lamego)*. — Respondo àquele teu postal em que procuras justificar o teu pseudónimo. Amas a Graça Maria? Óptimo! Por mim não vejo inconveniente. Tanto mais, tratando-se de tão platónico e distante paixão. Demais, eu sei que os portugueses, impulsivos e românticos, à simpatia chamam amor e dizem ter ódio, quando apenas estão amuados... Um caso banal!... Nada de grave...

1416 — A MESMA. — Acho muito bem que mudes de pseudónimo, desde o momento em que o mesmo deixou de ter razão de ser, isto é: te identificaram. Mas passares a chamar-te «A mesma» é que me parece pouco «graficogénico»... Espero, pois, que escolhas um pseudónimo mais de acôrdo com a tua personalidade tão dinâmica e trepidante.

1417 — INCÓGNITO MISTERIOSO *(Leiria)*. — O que me dizes com respeito ao album para as fotografias perdeu a oportunidade. Paciência, amigo! — Êste leitor comunica que oferece um «lindo brinde» à primeira leitora que lhe escrever a carta mais cinéfila e dirige uma saudação geral aos leitores da antiga revista cinéfila.

1418 — POLLY *(Lisboa)*. — Acho delicioso que me escrevas em papel escolar... Porque (vaidade à parte) estou certo de que êsses cadernos nunca viram tema mais aliciante e sugestivo, de que esta «evasão» cinematográfica... — As reacções do público em face de certas cenas dos filmes portugueses nem sempre correspondem às intenções dos realizadores! O caso mais frizante, quanto a mim, é ainda o do final da primeira metade da *Canção da Terra*. A belíssima cena muda entre a Bastiana, o Gonçalo e o pai dêste era sublinhada, sempre, por irreprimíveis gargalhadas?! O que os fazia rir? O aspecto da sôpa? A pobreza franciscana da baixela? Os talheres de pau? Mistérios insondáveis! — A Ann Rutherford anda um pouco arredia do cinema. Se me perguntares porquê, não sei dizer-te. No entanto, na Família Hardy continua a ser a parceira de Mickey Rooney. O que não é muito para uma artista...

1419 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA. — Claire Trevor nasceu em Nova-York, a 8 de Março. Não rezam as crónicas o ano que viu a luz do dia. Sinal de que a estrêla está distante dos seus tempos de meninice... — Alguns filmes de Joan (e não Jean) Bennett: *Nevoeiro em Londres*, *O Homem que desbancou Monte Carlo*, *O grito de 1938*, *Romance duma fugitiva*, *O filho de Monte-Cristo*, etc. — Eleanor Powel nasceu em Springfield, Massachussets, em 1913.

1420 — MANECAS *(Lisboa)*. — Êste leitor oferece quinze separatas de *Cine-Jornal* à primeira leitora que lhe escrever sôbre assuntos de cinema. As separatas poderão ser enviadas directamente, ou por meu intermédio se as letoras não quiserem revelar ao oferente as respectivas moradas.

1421 — TÓBI. — Podes escrever à Simone Simon para a 20th Century-Fox, Box 900, Hollywood, Califórnia.

1422 — I LOVE LYDIA *(Pôrto)*. — Nunca me zanguei, por me tratares por «tu». Pelo contrário: gostei imenso. — Óptimo, pelo apoio que deram à campanha contra o intervalo. Infelizmente o maroto tem sete fôlegos, como o gato...

1423 — OUBLI *(Penafiel)*. — A tua amiga Ana Sten suponho que esteja mais ou menos retirada do cinema. De vez em quando, o seu nome aparece, mas nunca mais vimos filmes em que aparecesse em papéis de relêvo. — Maë West continua a filmar, mas as suas películas não vêem a Portugal, onde a artista não conta com a simpatia do público. — O filme da Lamour e John Howard, a que aludes, intitula-se, entre nós, *Vidas Heróicas*.

1424 — I LOVE YOU, JULIET *(Arcos de Valdevez)*. — Penso que o cinema português poderá revelar artistas de todos os géneros, que satisfaçam o público. Claro que alguns hão-de provar mal, e outros afirmar as suas qualidades. Mas, dum modo geral, assim sucede em tôda a parte. Com uma diferença: até agora, entre nós, só os pudemos experimentar em grandes filmes. As «quedas», por isso, são maiores... Ao passo que lá fora, os «shorts» são, por assim dizer, os filmes de ensaio dos astros «in-herbis». — Êste leitor gostaria de possuir a letra de «Tropic Night», do filme *Feitiço dos Trópicos*. Haverá alguma alma caridosa, que a queira enviar, por meu intermédio?

1425 — ANTÓNIO O. BRANDÃO. — Podes escrever à Betty Grable para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia.

1426 — CAVALEIRO DE RAGASTENS *(Lamego)* — Ignoro a distribuïção do filme que me pedes. Vou ver se a obtenho e depois direi.

1427 — CINÉFILO TIRSENSE *(Pôrto)*. — Pelo que me contas, vejo que tens direito ao título de «o mais fiel espectador dos filmes de Deanna Durbin». Se a Carmen Miranda tivesse a cara da Betty Grable, oh! boy!... Oh! boy!... Oh! boy... Mas olha que talvez seja melhor assim, porque de contrário, ou só teríamos a Carmen, ou só teríamos a Betty. E, deixa-me dizer-te, eu não sou muito adepto das doutrinas engénicas. — *O Novo Amor de Andy Hardy* continua a ser, quanto a mim, o melhor filme da popular série. — *Gone with the wind* só virá a Portugal e aos países europeus, mesmo os neutrais, onde ainda não foi explorada, depois de acabada a guerra.

1428 — BEL TENEBROSO II *(Lisboa)*. — Quanto ao pseudónimo, amigo, e porque já há leitores que querem ser «Bel-Tenebrosos» III, V, XX, etc., etc., tens que arranjar outro que o substitua. — Tomo nota que a Olympe Bradna te enviou uma foto autografada e que a Nan Gray te mandou uma cartinha a pedir dinheiro... — Breve explicaremos, num artigo, as diferenças entre «director», «realizador» e «produtor», para satisfazer o teu pedido. — Êste nosso consulente saúda *Uma Garota sem Importância*, *Uma gaiata cinéfila*, *Pinocchia*, *Princesa da Meia-Noite* e *Antínea*.

1429 — BEIRAS CURIOSO *(Lisboa)*. — A tua carta para Madalena Sotto foi entregue oportunamente. Podes escrever à Maria Domingas, para a Tobis Portuguesa, Alameda das Linhas de Tôrres, Lumiar, Lisboa.

1430 — RED BARRY *(Tomar)* — Dorothy Lamour: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Alice Faye: 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia — Joan Crawford: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Na casa Valentim de Carvalho, R. Nova do Almada, encontrarás catálogos das últimas novidades musicais. Se assim o solicitares, poderás recebê-lo pelo correio.

1431 — MYRNA *(Lisboa)*. — Folgo porque o «barro» (não quererias dizer «cristal»?) continue óptimo. E faço votos porque o espírito se recomponha dos socos que levou... (Eu sempre ouvi dizer que no «espírito» não se deve bater nem com uma flor...) — Depois de ter visto *Compra-se um marido* nunca mais deixei de usar lâmpada de algibeira... No entanto, tenho mais fé nas cintilações dos olhos do que nos generosos contactos das lâmpadas de algibeira... Que código delicioso: «Inimigo à vista», «Postos de combate», «Rendição incondicional»... — A engrenagem dum jornal é coisa complicada de facto. Ainda um dia de hei-de relatar, como e porquê... — Quanto ao nome... Que dizes?! Maisie, Dulcy, Darling, Asta, Cleo, Nelly? Sem conhecer a «psicologia», é difícil... — O actor gordo a que te referes é Szoke Szakall. E não receies preguntar, Myrna, porque não estou aqui para outra coisa.

1432 GOSTO DE CAMÉLIAS *(Lisboa)*. — A tua carta deixou-me uma excelente impressão. Exageraste, porém, os meus méritos, na medida em que depreciaste os teus. Oxalá que não hajas desanimado com a demora das respostas, que são sempre tardias. Mas é uma regra geral, sem excepções. — Podes escrever em português ao Robert Taylor, para Metro Goldwyn Mayer Pictures, Culver City, Califórnia. — Os redactores de Animatógrafo não se julgam suficientemente fotogénicos para a prova a que tu os queres sujeitar... — Escreve mais vezes. Tenho o maior prazer em atender-te.

1433 — UM DESCONHECIDO *(Pôrto)*. — Podes escrever em português a tôdas as vedetas americanas. Das vedetas que citas, suponho que só a Deanna Durbin exige dinheiro em troca da foto. — A tua sugestão referente ao inquérito entre os leitores, para apreciar quais os melhores filmes do ano, já foi estudada por nós. No entanto, ainda não foi posta em prática, por várias razões que não vale a pena mencionar.

1434 — CAVALEIRO DE RAGASTENS *(Lamego)*. — Respondo a dois dos teus postais. — Jean Gabin, na vida real faz alguma diferença de Jean Gabin que a tela nos tem revelado. — Walter Connoly não morreu. — Else Maxwell entrou nalgumas cenas daquele filme.

1435 — ESTUDANTE DE OXFORD *(Cartaxo)*. — Sôbre o assunto das revistas portuguesas de cinema encontraste, no número transacto, um bem documentado artigo! Espero que êle te haja dado inteira satisfação.

1436 — PINNOCHIA *(Lisboa)* Compreendo perfeitamente a admiração que se tenha pela Gorbo. Não te sei dizer se ela é, ou não, a maior actriz do Cinema. Mas a verdade é que figura no número das maiores, e que não tem imitadoras! — Dum modo geral, acho bem que uma rapariga, que tenha vocação para o cinema, se dedique a essa Arte. E porque não?! Quanto aos preconceitos sociais, longe vai o tempo em que se supunha que o estúdio era um local menos conveniente, para uma rapariga que prezasse o seu bom nome. Hoje só assim pensam, os que vivem fora das realidades dêste mundo! — Transmito as tuas saudações a *Dinhamá* e *Garota de Lisboa*.

Bel-Tenebroso

Animatógrafo
DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO

«A vida do Dr. Robert Koch»

ou a verdadeira biografia cinematográfica

Não devemos jámais afirmar, categòricamente. Se em tôdas as actividades da critica do espírito, aquilo a que os alemães, salvo êrro, chamam «Werturteil», essa atitude é arriscada em quanto se refere à 7.ª arte semelhante procedimento roça pela extravagância paradoxal.

Na verdade o cinema habituou-nos a desmentir todos os aruspices das suas deficiências, todos os augures do seu futuro. Com efeito, quem diria aos partidários do cinema silencioso os prodígios do cinema sonoro? Quem se atreveria a supor que a côr viria a ser um dia desejada! E o relêvo!

Mas, se passarmos destas exigências fundamentais em si, embora do domínio da técnica, e referirmos a intrínseca evolução que nos seus métodos tem sofrido a 7.ª arte, então temos realmente, o direito de repreender os que marcam balizas ou pretendem estabelecer limites às possibilidades do cinema.

Estas criticas mereço-as, em parte, eu próprio, pelo meu artigo publicado um dos ultimos números de «Animatógrafo» e subordinado ao tema «De quando a linguagem da tela não basta».

Neles, expendi a minha opinião quanto aos limites da linguagem cinematográfica, relativamente à biografia dos homens de ciência que se notabilizaram pelos seus trabalhos de laboratório.

Estava sob a impressão de obras cinematográficas americanas de real interêsse, mas, a meu ver, incompletas como estudo de uma personalidade.

Hoje, depois de ver *«A Vida do Dr. Robert Kock»*, produção alemã, não posso deixar de vir fazer *amende honorable*, reconhecendo a minha precipitação, o meu julgamento prematuramente *categórico*.

Com efeito, *«A Vida do Dr. Robert Kock»* é uma obra que satisfaz o espírito mais exigente, sob o ponto de vista cinematográfico, e uma admirável lição para o leigo que deseje conhecer a vida e os trabalhos e até os métdos do grande médico alemão.

Inegàvelmente, a maneira de ser desta raça, antes analitica do que sintética, era de molde a propiciar a realização de uma obra de pormenor, intima elocubração intelectual e de equilíbrio da natureza de *«A Vida do Dr. Robert Kock»*.

Por isto não é, evidentemente, um filme em que o espectaculoso tenha sido sacrificado ao verdadeiro; mas não deixam de ser emocionantes os momentos da descoberta do bacilo, — chegando-se ao escrúpulo de o mostrar ao espectador para melhor elucidação dêste — da demonstração perante os médicos e, finalmente, da adesão à ideia que êle representava do próprio Virschov seu adversário extreme.

Esta figura de Virschov que Werner Krauss faz magnificamente, devia ser também tratada numa biografia cinematográfica que dela se ocupasse em especial.

Aliás, a admiração que todos os médicos alemães da época por êle tinham, era real e merecida homenagem ao seu alto valor.

Meu pai que era médico e se formou pela Universidade de Berlim, tendo tido Virschov como professor, muitas vezes dêle me falou em termos de profunda admiração.

E é certo que só a sua intuïção e notável saber o levavam a pensar quási próximo da verdade, pois parece hoje averiguado que não é sòmente o bacilo o responsável pela tuberculose, mas o campo onde êle se desenvolve, isto é, o organismo individual. (Esta opinião é sem responsabilidade, porque não sou médico).

Resta dizer que *«A Vida do Dr. Robert Kock»*, é, a meu ver, o verdadeiro exemplo do estilo cinematográfico da biografia do homem de ciência, género que na tela só pode viver se o realizador, numa inabalável honestidade de processos, não recear massar o espectador, ao tentar educá-lo.

ALVES DE AZEVEDO

Retratos-Brindes

Prosseguimos hoje, após uma suspenção temporária, a publicação das separatas com retratos brindes.

Cabe hoje a vez a Walter Pidgeon, artista da M. G. M. que conta bastantes admiradores entre os cinéfilos portugueses.

A Política dos Novos

Na nossa modesta colaboração para «Animatógrafo», temos diligenciado sempre fugir à apreciação de certos factos, que fazem parte daquilo que poderemos chamar «politica de cinema».

Aos novos compete uma missão mais elevada, mais nobre e mais justa — a demonstração das suas qualidades apreciativas, dos seus conhecimentos, apresentados por forma a indicar mais a sua função de discípulos aplicados, do que de enfatuados sabichões.

Mas momentos há, em que a onda da intriga, da maldade e do snobismo é tão alterosa, que toca a todos, mesmo àqueles que mais afastados se encontram.

Ouvimos e lemos coisas que não desejaríamos ler, que não precisavamos de ouvir.

Aos novos compete definir claramente a sua opinião sôbre aquilo que desejam e querem para o cinema em Portugal. Apreciamos o esfôrço de alguns em favor do cinema português, guiados por uma única idéia — compreender êsse esfôrço. O que resulta dele não é na maioria das vezes, a demonstração clara das possibilidades do seu autor, mas a afirmação nitida duma vontade persistente e altiva trabalhando honestamente pelo engrandecimento duma causa.

Sujeitamos o nosso critério às necessidades mais de imposição de nomes, de captação dum meio, que pròpriamente à rápida e completa exteriorização do máximo das possibilidades artisticas. Trabalhar para impor. Cativar para engrandecer. Produzir para merecer.

Derrue-se nesta terra o esfôrço alheio, com uma facilidade que arrepia.

Atacam-se aqueles que mais produzem, em nome duma arte, que são os primeiros a não servir, porque não sabem coligar vontades, reünir vocações, nem conjugar esforços.

Não é êste o cinema «que nós queremos» dizem.

Como se o cinema português, só pudesse ser cinema, no dia «que dum ciclone de arte nascesse um Messias salvador». Como se o cinema português pudesse algum dia vir a ser o tal cinema, sem primeiramente ter conseguido criar uma organização perfeita de continuidade, uma selecção rigorosa de valores criados, não de improviso, mas pelas provas prestadas desde os primeiros degraus, dessa escada enorme que conduz ao «Capitólio» da arte.

Os degraus são muitos, não podem ser galgados de rajada, mas pisados firmemente um a um.

A politica dos novos, tem de ser a política da compreensão nitida das possibilidades do cinema português. O cinema que nós queremos de momento, é o cinema que reüna o maior número de vantagens para se manter mais tempo em contacto com o públioo, cativando e impondo-se embora transigindo, mas que assegure pelos meios que oferece, garantias duma estabilidade permanente de cinema. O resto virá depois quando a emprêsa orientadora tiver os meios poderosos, quer materiais, quer artísticos, em condições de poder produzir sem desperdiçar esforços em tentativas inglórias de fazer arte, quando ninguém está preparado para a compreender e aceitar.

Os novos têm de se impor pela autoridade do seu valor. E o valor não se demonstra em discussões estéreis à mesa dos cafés, mas em contacto permanente com os meios que melhor sirvam para a preparação da sua mentalidade artistica.

E para aqueles que gastam palavras em derruir esforços em defesa do cinema português, ou em ataques pessoaais seja a quem fôr, diremos, que o momento não é para perseguições nem para derrotismos, mas antes para a realização duma tarefa mais útil, mais eficaz.

Essa tarefa consiste em evitar que o público se canse de cinema. Ou antes se fatigue da forma como lhe apresentam êsse cinema.

Querem derruir? Querem atacar? Ataquem as criticas falsas aos filmes que se exibem. Acabem com os reclamos espalhafatosos. Terminem com as projecções vergonhosas. Matem dum só golpe êsses programas colossos, autênticos crimes de lesa arte, género «Ana Karenina» e «Romeu e Julieta», que repetidas vezes se exibem nos cinemas de «reprise». Eduquem, moralizem e preparem as plateias.

Mas deixem trabalhar em paz, produzir com sossêgo, aqueles que mais dedicadamente trabalham no cinema português.

Há elementos no cinema que merecem criticas? Que essas criticas se façam, sem insultos, sem ódios, mas com altivez e desassombro.

Com ódios e insultos não se eleva uma ideia. Consegue-se sòmente, na maioria das vezes, cavar a ruina dessa ideia que se pretende defender.

SILVA BRANDÃO